

A DIFUSÃO DO DISCURSO TECNOCIENTÍFICO SOBRE O HOMOEROTISMO NA INTERNET E A CONFIGURAÇÃO DE SUBJETIVIDADES IDENTITÁRIAS

THE DIFFUSION OF TECHNO-SCIENTIFIC DISCOURSE ABOUT HOMOEROTICISM ON THE INTERNET AND THE CONFIGURATION OF IDENTITARY SUBJECTIVITIES

Alex Cabistani
PROGRAD/UFSM
(Santa Maria, RS, Brasil - alex@ufsm.br)

Palavras-chave: identidade; discurso; homoerotismo.

Keywords: identity; discourse; homoeroticism.

1 Introdução

O discurso das neurociências vem conquistando, na contemporaneidade, espaço importante nas configurações de saber-poder que versam sobre o que se convencionou chamar de *sujeito sexual*. A tecnociência, de forma geral, vem demonstrando crescente interesse nos territórios da sexualidade e dos gêneros sexuais, por meio de pesquisas que buscam desvendar como homens e mulheres amam, desejam, odeiam, demarcam identidades, identificações e diferenças, reconhecem-se e são levados a se reconhecer como “sujeitos de desejo” (FOUCAULT, 2001).

A prática discursiva da ciência passa a integrar, cada vez mais intensamente, um movimento de saber-poder que busca a *explicação do sujeito* por meio de minucioso esquadrinhamento – por que ele é assim, que práticas, sensações, sentimentos ou possíveis determinações orgânicas o definiriam, a que identidades sua existência estaria aderida. Dessa dinâmica de transformar o sujeito em objeto de um saber possível,

participam enunciados de variadas ordens: jurídicos, religiosos, biológicos, médicos, governamentais, psicológicos, filosóficos, antropológicos etc., boa parte deles potencializados pelo fenômeno da midiaticização.

Tal cenário é marcado por assimetrias que geralmente privilegiam a redução funcionalista do conceito de sexualidade à reprodução biológica, ao instinto e à sobrevivência da espécie, ou a alicerces a-históricos morais, jurídicos e religiosos. Prazeres e práticas erótico-afetivos dissidentes, quando não acabam atrelados à doença, ao pecado e ao crime, ganham lugares específicos, geralmente vinculados ao exotismo, à espetacularização e à estranheza.

Este artigo tem por objetivo verificar, em textos coletados em três espaços de divulgação científica na internet, as estratégias de enunciação que moldam sujeições identitárias homoeróticas.

Justifica-se tal abordagem pelo crescente interesse de certos ramos da pesquisa científica em extrair uma "verdade definitiva" do sujeito homoerótico de desejo. Ele, mais que ninguém, "é" o seu sexo, e tornaria-se então necessário e útil perscrutar as "causas" de sua homossexualidade.

Conforme verificado na análise dos três textos, se pela "confissão da carne" quase tudo já foi extraído desse sujeito, agora sua carga cromossômica, sua configuração hormonal, seu escaneamento cerebral o definem e participam deste confessionário (ORTEGA, 2010; SIBILIA, 2002). O código genético e neuronal passa a ser a "senha de acesso" ao mundo das sociedades de controle (DELEUZE, 1996), via de pertencimento e visibilidade e também de estereotipia e estigma identitário.

O quadro teórico de referência desta investigação envereda pelo pensamento pós-estruturalista, ao questionar categorias como a de "sujeito de desejo" ou "identidade sexual". A preexistência de tais conceitos revela a falência de modelos identitários que deem conta da pluralidade e da multiplicidade das existências, estas, inclassificáveis enquanto permanente devir (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Questionar a

participação do discurso científico na problematização moral dos prazeres abre espaço para outros devires, pós-identitários, para além das hierarquias classificatórias (LOURO, 2004).

O artigo inicia com uma breve revisão bibliográfica sobre a ética/estética da existência em Foucault e sobre a “vontade de verdade” que permeia o conhecer e o pensar, pelo menos desde a modernidade até hoje, em termos da delimitação de sujeições identitárias. A seguir, apresenta a matriz de análise discursiva dos três textos selecionados e os achados, finalizando com a discussão dos resultados.

2 Metodologia

Por meio da Análise de Discurso (FOUCAULT, 2000), foram estudados três textos de divulgação científica encontrados na internet. O primeiro é de uma revista mensal de divulgação científica com foco no público jovem (“Superinteressante”, da Editora Abril); o segundo foi publicado na editoria de ciência de um jornal diário de circulação nacional (“O Globo”, das Organizações Globo); o terceiro pertence a uma revista mensal de divulgação científica vinculada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC (“Ciência Hoje”, do Instituto Ciência Hoje).

Foram mapeadas formações discursivas que corroboram a circulação midiática de um sujeito homoerótico de desejo, inscrito em sua corporeidade de forma cada vez mais entranhada, plasmado em uma identidade encefálica, endócrina e cromossômica, mensurável por meio da tecnociência e visível pelas técnicas de neuroimagem contemporâneas (ORTEGA, 2010).

3 Resultados e discussão

Certa confusão terminológica com os rótulos identitários “gay” e “homossexual” foi bastante frequente, sobretudo quando os textos

procuravam explicar fenômenos humanos complexos como “sexualidade” e “casamento” através de exemplos instintivos de animais ou de perpetuação da espécie.

A problematização apenas tangencia o campo das ciências sociais, revelando a pretensa supremacia de um discurso biológico revestido de *natural*: “Tudo indica que a homossexualidade é mesmo o resultado da interação de 3 fatores: biológicos, psicológicos e sociais, mesmo que esses dois últimos ainda precisem de mais evidências” (SZKLARZ, 2006).

O mapeamento dos comportamentos sexuais converte-se em hierarquia identitária, mediados pelos valores de masculinidades/feminilidades, como transparece no deslize linguístico: “O mesmo se aplica às lésbicas, cujos cérebros apresentam mais semelhanças com o de homens heterossexuais do que com o de mulheres”. (O GLOBO, 2008) Seriam as lésbicas não-mulheres ou menos-mulheres, ou mulheres de segunda categoria, já que o termo “mulheres” dispensa o adjetivo quando se refere a “heterossexuais”?

Por fim, segundo os textos, é necessário buscar uma finalidade, uma explicação e uma justificativa científica para que alguém tenha desejos e/ou relações homoeróticas ou homoafetivas, a fim de que se possa “enriquecer a nossa compreensão sobre como a seleção natural molda as interações sociais, a reprodução” (...) (BORGES, 2010). Mais uma vez, a questão é a da supremacia incontestável da “natureza” sobre o social e o individual.

4 Considerações finais

Tal concepção científica do sujeito homoerótico de desejo, mesmo com a melhor das intenções de libertá-lo de um estigma secular de desvio, culpa, crime, pecado ou doença ao *explicá-lo e justificá-lo* perante o mundo, termina por aprisioná-lo em uma estereotipia, assujeitando-o a determinismos (sejam sociais, culturais ou biomédicos).

Ao buscar “as causas naturais da homossexualidade” analisando configurações culturais por meio de fenômenos biológicos, certa concepção das “ciências duras” se esquece que a própria noção de biologia, natureza e do que “natural ou não” já é uma construção que vem revestida de sentidos próprios a cada época e sociedade. Questionáveis, portanto.

Referências

BORGES, Jerry Carvalho. *Os segredos no fim do arco-íris*. O que motiva animais e humanos a terem relações homossexuais? Revista Ciência Hoje, Rio de Janeiro, 04 jun. 2010. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/por-dentro-das-celulas/os-segredos-no-fim-do-arco-iris>> Acesso em: 1º abr. 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. Por que estudar o poder: a questão do sujeito. In: DREIFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. *A ordem do discurso*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *História da sexualidade: A vontade de saber*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7.ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

O GLOBO. *Cérebro de homens gays é igual ao de mulheres heterossexuais, diz estudo*. O Globo Online, Rio de Janeiro, 16 jun 2008. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/mat/2008/06/16/cerebro-de-homens-gays-igual-ao-das-mulheres-heterossexuais-diz-es-tudo-sueco-546826175.asp>> Acesso em: 1º abr. 2011.

OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo científico*. São Paulo: Contexto, 2002.

ORTEGA, Francisco. *O Corpo Incerto*. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SZKLARZ, Eduardo. *Por que os gays são gays?* A ciência está cada vez mais próxima de explicar um dos maiores mistérios do comportamento humano. Revista Superinteressante, São Paulo, jan. 2006. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/gays-sao-gays-446194.shtml>>. Acesso em: 1º abr. 2011.